

INTRODUZINDO A MUSICOTERAPIA NO PROGRAMA DE ATENDIMENTO JURÍDICO E PSICOSSOCIAL

Josenilda Ferreira Costa

Parece coerente utilizar a música terapeuticamente, afinal a maioria das pessoas gosta de música, e por parte do seu cotidiano, desenvolvem uma relação muito pessoal com a MÚSICA. Mas o fato da Musicoterapia ser um campo relativamente novo e ainda não fazer parte das principais correntes do conhecimento deixa as pessoas curiosas e é comum se questionarem como é possível a utilização da música para tradução de sentimentos e emoções. Segundo Bruscia¹, é possível observar que a música "nos estimula e nos acalma; nos acompanha na alegria e na tristeza; ela brinca conosco e nos ajuda a brincar; ela nos leva para dentro e para fora de cada emoção humana". Sendo assim, **por que a musicoterapia com vítimas de violência sexual?**

Por ser a violência sexual uma temática extremamente complexa existe a necessidade do envolvimento de diversos profissionais, de áreas diferentes, atuando de maneira transdisciplinar, tendo como objetivo atender integralmente este sujeito de direito que é a criança e o adolescente. A Musicoterapia surge então, no CEDECA-BA como um trabalho complementar ao atendimento psicoterápico, a partir de um projeto-piloto desenvolvido através de um convênio com a Universidade Católica do Salvador, em setembro de 1999.

¹ BRUSCIA, Kenneth E. Definindo Musicoterapia. Tradução Mariza Velloso Fernandez Conde. 2ª ed, RJ; Enelivros, 2000.



Com os resultados positivos obtidos, essa atividade foi incorporada ao Programa de Atendimento Jurídico – Psicossocial, com a formação de dez grupos musicoterápicos, onde o atendimento tem como objetivo o uso da linguagem não-verbal para auxiliar o atendimento individual e promover o convívio em grupo, o estabelecimento de vínculos e o trabalho corporal.

Faz-se necessário nesse momento falar um pouco sobre o que é o atendimento musicoterápico. O trabalho musicoterapêutico envolve duas leituras, a terapêutica e a musical. A música, os sons e a expressão corporal do indivíduo estarão sempre em destaque o que facilita bastante no trabalho com as vítimas de abuso sexual, já que esta forma de violência costuma levar esta clientela a adotar o silêncio como forma de proteção, escondendo, assim, o medo, a vergonha, o terror e o sentimento de estar sujo. Em virtude da expressão verbal não ser vista como a única forma de trabalho e de se utilizar canais expressivos do sujeito propiciados pela linguagem musical, é possível às vítimas "falarem" do seu trauma utilizando outras linguagens sem se sentirem invadidas, promovendo mudanças de comportamento significativas.

Cada sessão musicoterápica envolve o grupo em algum tipo de experiência musical. Para Bruscia, há quatro tipos básicos:

- ❑ **Improvisação:** o sujeito faz a sua própria música de forma improvisada ao tocar um instrumento ou cantar;
- ❑ **Recriação:** o grupo canta ou toca, de memória ou utilizando partitura, uma peça musical composta anteriormente;
- ❑ **Composição:** compõe e escreve uma canção, peça instrumental ou parte de uma peça;
- ❑ **Audição:** o sujeito ouve e reage a uma música gravada ou ao vivo.

É importante compreender que as ferramentas da Musicoterapia são as diversas formas pelas quais os seres humanos envolvem-se e relacionam-se com a música. Esta atividade constitui-se em um processo gradual de mudanças acompanhado por uma seqüência de intervenções.

Na Musicoterapia, o terapeuta não é o único agente a atuar sobre o cliente. A música exerce um papel essencial no processo terapêutico, algumas vezes

servindo como uma parceira do terapeuta e, em outras, facilitando ou induzindo mudanças no indivíduo com pouca ou nenhuma ajuda do terapeuta. Vale ressaltar que nas sessões a criança/adolescente capta a de diversas formas; quando os integrantes do grupo apresentam, improvisam ou compõem música, eles expressam seus problemas, exploram seus recursos, trabalham seus conflitos (a música possui momentos de tensão e relaxamento algo que pode ser comparado com a vida de cada ser humano), desenvolvem relacionamentos e encontram soluções e bem-estar a partir de expressões sonoras. Ou ainda, através do trabalho musicoterápico em grupo, podem ouvir-se, escutar o universo dos outros, reviver suas experiências, lembrar, pensar e aproximar-se das outras pessoas através do som.

A maior parte das vítimas de violência sexual costuma adotar o silêncio como forma de defesa e dessa maneira afasta-se do convívio social, algo que pode ser observado durante as sessões quando os pacientes costumam verbalizar a dificuldade que sentem em fazer novas amizades. Um dos objetivos, nesse tipo de atendimento, é a convivência em grupo, a reinserção social utilizando como ferramentas o criar e escutar musical que são meios naturais e fáceis de relacionar-se com os outros.

A reinserção social é um dos pontos fortes no trabalho musicoterápico realizado no CEDECA-BA. Além de estabelecer limites onde o sujeito desenvolve a habilidade de saber ouvir o outro e ao mesmo tempo se ouvir, proporciona um espaço onde todas as questões vinculadas à violência são discutidas e trabalhadas com o grupo, a criança/adolescente passa a ter voz e o direito de ouvir e ser ouvida, compartilha vivências comuns, enfrenta as dificuldades relativas à problemática e ao próprio adolecer, problemas familiares e à readaptação ao meio social. Dessa forma, no grupo as relações interpessoais vão sendo construídas a cada sessão.

No tratamento às vítimas de violência sexual tem-se como objetivo principalmente a reinserção social, o regaste da auto-estima, o contato com o próprio corpo, a escuta, o estabelecimento de limites dentro do grupo e a mudança de comportamento e atitudes. Para que tais objetivos sejam alcançados utiliza-se a música e seus elementos (ritmo, harmonia, melodia e o som), uma vez que ela oferece inúmeras oportunidades para auxiliar as vítimas de violência sexual a expressar o que estão vivenciando.

No atendimento o sujeito tem a oportunidade de expressar ao cantar, ao tocar um instrumento e através dos atos criativos da composição e da



improvisação, ou ainda, pode, a partir da música, transformar as sensações corporais internas, os movimentos, sentimentos e idéias em formas sonoras externas que podem ser ouvidas, transformando o silêncio doído, permeado por sentimentos antagônicos, tão comuns a essa clientela, em formas sonoras que são mais facilmente aceitáveis e compreendidas. Os meios para isso podem ser musical, verbal e não-verbal.

Partindo dessa afirmação é importante salientar qual é o papel da musicoterapia no tratamento às vítimas de violência sexual. A maioria das vítimas leva anos para contar o fato, e a revelação é um momento extremamente doloroso e muitas vezes solitário, ela aprendeu que falar o que sente e a verdade é algo errado, é preciso calar sempre.

O trabalho realizado na instituição visa um atendimento integral a sua clientela, para isso a musicoterapia atua paralelamente à psicoterapia individual e através das formas sonoras dos pacientes caminhamos de modo a, mais tarde, proporcionar a essa criança/adolescente a possibilidade de falar abertamente sobre os seus conflitos e resgatar a sua auto-estima.

Bruscia afirma que, "A auto-expressão musical leva quase naturalmente a outras formas de expressão". O que pode ser comprovado na prática do CEDECA-BA, já que surge um desejo intenso, nos pacientes, em falar sobre o fato, em dar voz a esse segredo mantido há algum tempo. Para isso, normalmente é utilizado o canto, o tocar instrumentos e ouvir músicas como meios agradáveis, intermediários e gratificantes de adquirir habilidades de auto-expressão. A música pode incluir palavras, movimentos e imagens visuais, pode ainda enriquecer e ampliar outras formas de comunicação verbal o que fortalece o trabalho paralelo entre a musicoterapia e o atendimento psicoterápico realizado no Programa.

O "brincar" musical permite ao cliente falar da violência sem se dar conta, resgatar a infância que foi momentaneamente interrompida pela violência sofrida. Fazer e criar música possibilita oportunidades de auto-expressão em diversos níveis. Ao cantar e tocar instrumentos pode-se fazer o corpo soar, dar forma aos impulsos, vocalizar o não-dizível ou as idéias impronunciáveis e, assim, destilar as emoções em formas sonoras, um fazer musical que é também um brincar musical. Sendo assim o indivíduo utiliza, muitas vezes na Musicoterapia, a fala do outro (compositor da música) para verbalizar o que sente, o que torna tudo mais fácil. Ao ouvir ou reproduzir uma música as pessoas se expressão de forma vicária, através do compositor

ou do intérprete. Esse tipo de auto-expressão é muito importante para as crianças e adolescentes que sofreram a violência sexual, em função da dificuldade que sentem em expressar os seus sentimentos que rejeitam ou que não queriam ter. Ao ouvir o intérprete a pessoa passa a identificar-se com ele e apropriar-se das suas palavras para falar e experimentar uma liberação de sentimentos que são seus.

Pode-se concluir que ao trabalhar paralelamente, psicoterapia individual e musicoterapia grupal, obtém-se ganhos significativos no tratamento às vítimas de violência sexual, pois a Musicoterapia tem como marca a flexibilidade para mover-se do verbal ao musical e daí para canais de comunicação não-verbais. Ao utilizar a forma não-verbal, é possível substituir a necessidade de palavras e desse modo fornecer uma forma segura e aceitável de expressão de conflitos e sentimentos o que serve para intensificar, elaborar ou estimular a comunicação verbal no atendimento individual, enquanto que a comunicação verbal serve para definir, consolidar e clarificar a experiência musical.

RELATO DE CASO

Ao analisar canções escolhidas e a fala do seu paciente, o musicoterapeuta pode observar todo o gestual, toda a emoção empregada na interpretação da canção. Como exemplo disso, é trazido o caso de uma adolescente que costumava cantar em todas as sessões a música Travessia (interprete Milton Nascimento), cantava apenas a primeira estrofe e o refrão. Ao cantar o refrão a adolescente costumava ficar com uma expressão facial mais séria e sua voz tornava-se mais grave.

TRAVESSIA

**Quando você foi embora
Fez-se noite em meu viver
Forte eu sou mais não tem jeito
Hoje eu tenho que chorar**

**Minha casa não é minha
E nem é meu esse lugar
Estou só e não resisto
Muito tenho pra falar**

REFRÃO

**Solto a voz na estrada
Já não quero falar
Meu caminho é de pedra
Como posso sonhar
Sonhos feitos de brisa
Vento vem terminar
Vou fechar o meu pranto
Vou querer me matar**



A garota foi abusada sexualmente por seu tio dos 05 aos 12 anos de idade e após a revelação do fato a sua família se dividiu, poucos ficaram do seu lado, seus pais separaram-se e ela falava no desejo de morrer e na sua impossibilidade de amar e confiar em alguém, mas nunca falava sobre a violência sofrida. Com o decorrer do tratamento e o seu envolvimento com o grupo a paciente já sorria, conversava de forma descontraída, permitia o contato físico e verbalizava que o grupo a estava ajudando muito, pois agora sabia que outras pessoas haviam sofrido como ela e que poderia dividir essa dor.

O atendimento em grupo, com vítimas de violência sexual é de extrema importância, pois permite às vítimas socializarem a sua dor, dividirem suas angústias e medos e estabelecerem amizades uma vez que a grande maioria é ridicularizada socialmente e discriminada, passando a ter medo das pessoas, a desconfiar de tudo e de todos, este indivíduo precisa ser reinserido na sociedade e o grupo musicoterápico é o primeiro passo para que isso ocorra.

A paciente freqüentou a musicoterapia durante nove meses, no seu último dia no grupo ela pediu para ouvir a mesma música. Escutou, parou um pouco, pegou o chocalho e começou a cantar, mas dessa vez cantou a segunda estrofe e ao terminar disse: "Não conheci o amor, o ódio ainda está aqui dentro. Mas vocês me ensinaram que viver é bom". A sua saída do grupo foi um grande prejuízo para o seu tratamento, mas a possibilidade de desenvolver um trabalho conjunto entre a psicóloga e a musicoterapeuta, atendimento individual e em grupo, permitiu a esta adolescente visualizar e experimentar outros sentimentos, emoções, e a possibilidade de uma vida melhor.

TRAVESSIA

**Quando você foi embora
Fez-se noite em meu viver
Forte eu sou mais não tem jeito
Hoje eu tenho que chorar**

**Minha casa não é minha
E nem é meu esse lugar
Estou só e não resisto
Muito tenho pra falar**

REFRÃO

**Solto a voz na estrada
Já não quero falar**

Meu caminho é de pedra

**Como posso sonhar
Sonhos feitos de brisa
Vento vem terminar
Vou fechar o meu pranto
Vou querer me matar**

**Vou seguindo pela vida
Me esquecendo de você
Eu não quero mais a morte
Tenho muito que viver
Vou querer amar de novo
E se não der não vou sofrer
Já não sonho, hoje faço
Com meu braço o meu viver**



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, M. A. e Guerra, V. N. A. *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo, Iglu, 1989.
- _____. *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. São Paulo, Cortez Editora, 1989.
- BARCELLOS, Lia Rejane M. *Cadernos de Musicoterapia I e II*. Enelivros, Rio de Janeiro, 1992.
- _____. *Cadernos de Musicoterapia III e IV*. Enelivros, Rio de Janeiro, 1998.
- _____. *Etapas do Processo Musicoterápico*. Rio de Janeiro, 1979.
- _____. *Musicoterapia: Transferência, Contratransferência e Resistência*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.
- BENENZON, Rolando. *O Manual de Musicoterapia*. Enelivros, Rio de Janeiro, 1985.
- BRUSCIA, Kenneth E. *Definindo Musicoterapia*. Tradução Mariza Velloso Fernandez Conde. 2ª ed, RJ; Enelivros, 2000.
- CIRIGLIANO, Márcia Maria da Silva. *Improvisação Musical Livre, Associação Livre e Atenção Flutuante: possíveis relações entre musicoterapia e psicanálise*. Trabalho apresentado no IV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia. Rio de Janeiro, 1988.
- COTTLE, Thomas J. *O Segredo da Infância*; Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, 1993.
- GABEL, M. *A criança vítima de violência sexual*.
- GUERRA, V. N. A. *Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada*. 3ª edição. São Paulo, Cortez Editora.